



## **HOMOSSEXUALIDADE, DA VERGONHA PARA O ORGULHO.**

Victor Hugo de Oliveira Pinto

*Universidade Federal Fluminense*

*Victor.gotico@bol.com.br*

*Mestrando em educação*

**RESUMO:** O presente trabalho tem como eixo norteador problematizar e elucidar os caminhos e as perspectivas que o assunto referente ao tratamento de gênero e sexualidade pode ter em sala de aula e, como, por sua vez, pode contribuir para a desmistificação da ideia da homossexualidade como algo abominável. Na medida em que a educação tem como objetivo a promoção da cidadania conforme o disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394/96), devemos entender que não existe a cidadania sem o respeito em relação a diversidade em todos os seus aspectos, seja ela diversidade sexual, cultural, étnica ou religiosa. O respeito é a base da construção do diálogo e da eliminação de preconceitos que, por muitas vezes justificaram barbáries na sociedade.

**Palavras-chave:** Educação, gênero, sexualidade, respeito, cidadania.

### **INTRODUÇÃO**

Construir uma sociedade justa e igualitária em relação a diferenças de gênero implica, necessariamente, em um processo que envolve o entendimento dessas diferentes variações da sexualidade humana. A partir de uma visão humanizadora e emancipada dos velhos padrões excludentes - bem como os diversos aspectos que nos constitui como indivíduos e, portanto, diferentes entre nós - implica em construir um processo de reeducação da sociedade a partir do diálogo e da emancipação da consciência humana dos velhos paradigmas morais existentes em nome de uma ética que respeite a vida em suas variadas nuances sendo a diversidade sexual uma delas. Tal processo envolve uma abordagem de diálogo, esclarecimento e desenvolvimento

cultural das pessoas de modo que seja compreendido que os preconceitos que fundamentam a homofobia são fruto de uma concepção cultural, todavia nem sempre esse assunto foi abordado negativamente pela sociedade. Então, para acabar com a homofobia, é necessário e essencial um processo que faça do diálogo um meio de construir uma visão diferente de mundo e que aponte para a diversidade de concepções de vida e de mundo existente e a necessidade de respeitá-las para que seja construído um mundo justo e que os direitos sejam iguais para todos sem nenhum tipo de discriminação por etnia, classe social, gênero ou orientação sexual.

Para tal objetivo ser conquistado, é essencial que a educação seja um meio de



colocar essa questão na ordem do dia e de modo a enfrentar o fundamentalismo religioso, mostrando que a própria visão de mundo muda de acordo com a necessidade histórica e cultural de cada povo, e hoje, em um mundo desenvolvido tecnologicamente e com profundos e significativos avanços na ciência, não cabem mais discursos intolerantes e que

### **METODOLOGIA**

O presente trabalho tem como objetivo, tratar sobre a relevância da sexualidade e da formação de valores cidadãos que possam contribuir para a emancipação dos preconceitos e da vergonha que tem sido imposta até os dias de hoje para a comunidade LGBT, dessa maneira se torna fundamental o debate em sala de aula sobre essas questões de modo a promover o respeito à diversidade e a promoção da cidadania através da consolidação de valores de igualdade, de equidade. Durante muito tempo as identidades foram constituídas a partir de afinidades, assim, promovendo o isolamento e a incapacidade de diálogo entre as diferenças, a metodologia desse trabalho visa ressaltar o quanto conscientizar as pessoas da alteridade é importante ressaltar que a educação voltada para o respeito as múltiplas maneiras de se relacionar e de viver a sexualidade. A partir desse raciocínio entendemos que a

incitem ou tentem ressuscitar o patriarcado cada vez mais arcaico em uma sociedade que se quer igual em direitos, deveres e oportunidades. Portanto, é necessário que a cultura homogênea da heteronormatividade seja superada pela ideia de respeito em relação a própria diversidade inerente as relações humanas.

educação voltada para esse tipo de educação voltada para o respeito em relação a diversidade se torna um elemento fundamental para o descondicionamento e desconstrução dos preconceitos homofóbicos que naturalizaram a discriminação contra a comunidade LGBT até os dias de hoje. Além disso, deve ser ressaltado que o ser humano é produto de toda uma conjuntura natural e, em si mesma a natureza é diversa e multifacetada.

Através dessa consciência, é ressaltado também o caráter e consciência histórica da com unidade LGBT e dos diversos episódios de luta pela inclusão de direitos para essa minoria que, por muito tempo sofreu uma discriminação e marginalização muito grande por parte de toda uma consolidação moral homogênea e heteronormativa que ao negar a diversidade, justificou a negação dos



diretos para essa mesma minoria. Na medida em que esse tema passa a ser tratado e debatido, muito mais do que a luta pela visibilidade da comunidade LGBT, pode ser buscado a luta pelos direitos que são negados para essa mesma comunidade e que, por sua vez encontra todo um aparato moral encontrado nos institutos da família e da moral judaico-cristã que alicerçou a sociedade, a partir da história de resistência contra esse molde dominante de sociedade que pretende formatar a sexualidade das pessoas de acordo com padrões já previamente instituídos, dessa maneira, contribuindo para a formação do orgulho e desconstrução da vergonha que foi legitimada até então. A educação passa a ser essencial para a valorização da

### **RESULTADO E DISCUSSÃO - FUNDAMENTAÇÃO**

Ao longo dos séculos a homofobia se sedimentou e se enraizou na sociedade a partir de toda uma consolidação de valores morais que tornaram justificáveis a discriminação. Com a desagregação dos valores tradicionais de família que já vinham sendo contestados desde os anos de 1960 a partir das lutas pelos direitos LGBT e pelos movimentos feministas, esse trabalho visa elucidar que o combate a homofobia e a construção de valores mais respeitadores em

alteridade e das diversas maneiras de aprender e perceber o mundo a partir das diferenças, assim, desconstruindo a ideia limitada de identidade, ou seja, de buscar sempre o idêntico, mas de perceber aprendido em relação à diversidade. Desse modo, esse trabalho se adequa ao Grupo de trabalho relacionado ao tema *Gênero Sexualidade e Educação* cuja proposta é expor saberes, abarcar olhares e percepções que levem às discussões sobre as temáticas de Gênero, Sexualidades destacando o potencial desestabilizador dessas categorias em sua relação com a Educação. Trata-se, portanto, de uma concepção educacional sobre a importância de falar sobre a sexualidade nas salas de aula de modo a promover a concepção cidadão de respeito.

relação a orientação sexual dependem de uma formação para a cidadania conforme está disposto nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais:

“Uma proposta curricular voltada para a cidadania deve preocupar-se necessariamente com as diversidades existentes na sociedade, uma das bases concretas em que se praticam os preceitos éticos. É a ética que norteia e exige de todos – da escola e dos educadores em particular -, propostas e iniciativas que visem à superação do preconceito e da discriminação. A contribuição da escola na construção da democracia é a de promover os princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça e equidade, solidariedade, diálogo no



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cotidiano; é a de encontrar formas de cumprir o princípio constitucional de igualdade, o que exige sensibilidade para a questão da diversidade cultural e ações decididas em relação aos problemas gerados pela injustiça social.” (BRASÍLIA, 1998)

A partir disso, se torna possível refletir sobre a questão da construção de trabalhos de base para dialogar com a sociedade nos diversos setores sobre o assunto, visando a desconstrução do preconceito através do trabalho de conscientização, de diálogo, de desmoralização dos políticos fundamentalistas e suas filantropias que servem como base de disseminação de preconceitos. Assim, construindo uma ética que desconstrua esse maniqueísmo moral excludente que ainda legitima relações desiguais, conforme disposto no PCN:

“A moral já se encontra instalada na prática educativa que se desenvolve nas escolas: o cotidiano escolar está encharcado de valores que se traduzem em princípios, regras, ordens e proibições. O que se quer é que a ética aí encontre um espaço, a fim de que se reflita sobre esses princípios (em que se fundamentam?), essas regras (qual a sua finalidade?), essas ordens (a que interesses atendem?), essas proibições (que resultado pretendem?), para que se instalem ações/relações efetivamente democráticas (...). A cidadania é também uma condição construída historicamente. Compreensões diversas do conceito de cidadania são encontradas em contextos e situações diferentes. Seu sentido mais pleno aponta a possibilidade de participação efetiva na produção e usufruto de valores e bens de um determinado contexto, na configuração que se dá a esse contexto, e para o reconhecimento do direito de falar e ser ouvido pelos outros.” (...). (BRASÍLIA, 1998)

Assim, se torna necessário a construção de quadros políticos que possam, a partir dos diversos

meios em que será construído esse diálogo, colocar essa questão, incitando a reflexão inclusiva a partir da abordagem desse tema por diferentes perspectivas ao invés da velha perspectiva moral excludente que existe, sendo a educação um dos principais pilares para essa abordagem, pois a educação cidadã (conforme está disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 9394/1996, e na Constituição Federal de 1988) é um instrumento indispensável para a desconstrução desses paradigmas e para a formação de novos valores para a sociedade, valores esses que ensinem que a cidadania está no respeito e na tolerância em relação à diversidade humana, assim construindo um mundo sem preconceitos e mais igual para todos.

Entendermos a nossa vergonha é antes de tudo, entendermos o do que é produto a sociedade que nos impõe o preconceito que nos conduz ao sentimento da vergonha, devemos compreender que a sociedade existente hoje, impregnada de preconceitos homofóbicos, é o resultado de uma cultura patriarcal, machista e homofóbica. (em meu livro paradoxo da sociedade heterossexista está explícita a ideia de que existe uma consolidação de uma moral repressora e uniformizadora que vem a se contrapor à própria natureza que é em si múltipla e diversa), a questão



em foco é que a homofobia é o desdobramento do machismo, na medida em que se consolida a ideia de que a mulher teria um papel “submisso e passivo” na relação e o homem seria o “dominante” o provedor e a mulher seria a receptora, e essa concepção de relação é ainda mais forte com o advento da cultura Cristã, o homossexual é uma figura tida como abominável na medida em que se concebe a ideia de que um homem que se relaciona com outro homem está “se deixando dominar por outro homem” na medida em que “serve de objeto de prazer para outro homem e abdica de seu papel de dominante para ser dominado” e por isso passa a ser considerado como um “homem reduzido”, após a consolidação desse equívoco se cristaliza a ideia, não menos errônea, consiste em afirmar que a relação entre pares do mesmo sexo “está condenada ao fracasso porque são dois iguais e viveriam em uma eterna disputa por dominação um do outro e assim tendendo a relações promíscuas já que não haveria afetividade”, e a partir dessas generalizações erradas, a homossexualidade passou a ser considerada como algo “reprovável”, “abominável” e “promíscuo, diante dessa cristalização desses valores errados, perniciosos e justificadores do atroz preconceito que temos hoje.

A primeira consequência dessas cristalizações foi tornar justo o ódio contra os homossexuais, justamente por serem tidos como algo “abominável”, deveria e merecia ser “corrigidos”, quando na verdade a própria ideia de “corretivo” é um produto de uma cultura castradora e preconceituosa que demonizou uma orientação que já existia muito anteriormente, logo o “corretivo”, a punição, o castigo e a violência foram a exacerbação e o resultado dessa cultura de castrações como reflexo da ideologia patriarcal que existiu até então. Em seguida veio o resultado dessa violência: o medo. Com medo do preconceito e da violência, homossexuais passam a ter repulsa a sua própria condição natural, e a rejeitar sua própria natureza para se adequar a norma castradora, pois foi o tipo de concepção de mundo que mais se difundiu e que mais em larga escala atingiu a sociedade, assim generalizando esse efeito de autorrepressão e medo como produto da violência justificada por uma ideologia repressora. Após o medo, vem o sentimento de culpa que caminha juntamente com a construção da justificativa da violência contra os homossexuais, pois na medida em que o patriarcalismo considera que os homossexuais vivem “relações de promiscuidade”, “que são inimigos da



família” e que estão “negando a sua natureza”, e no momento em que esse tipo de preconceito é extremamente difundido, as consequências disso foi senão a internalização da culpa, quer dizer, os próprios homossexuais passaram a aceitar essas falácias e a se sentirem culpados por serem homossexuais, e passaram a ter comportamentos promíscuos em suas relações já que, também passaram a aceitar a imagem suja dos homossexuais que é vendida pelos fundamentalistas.

Tudo isso é o maior resultado de que vivemos numa cultura homofóbica em seu processo de construção, o que faz com que os homossexuais por sua vez reproduzam a homofobia internalizada a partir do sentimento de culpa, e por consequência não temos representatividade e nem visibilidade na sociedade, somos marginalizados, somos vistos como “os outros” ou “os estranhos”, desse modo, os fundamentalistas crescem, mantêm seus argumentos preconceituosos e passam impunes mediante as suas pregações incitadoras de ódio e violência porque não nos organizamos e não oferecemos resistência contra esses fanáticos. E por que não oferecemos resistência? Por que não conseguimos nos organizar? Porque temos medo de nos expor, temos vergonha e ainda temos um alto índice de homofobia internalizada, apesar de vivermos

em uma época de suposta abertura para novas concepções de mundo. Passaremos a oferecer resistência quando tivermos orgulho do que constitui a nossa identidade e não queremos mais nos enquadrar em modelos, mas lutar contra o velho estado de opressões em que se encontram as coisas, devemos lutar não apenas para garantir visibilidade, mas lutar para que a mentalidade em relação as diferenças seja transformada, assim transformando o estado das coisas segundo diz, Magnavita:

“Ao longo de *Ditos e Escritos*, Foucault aponta para o fato de que *é preciso procurar ser gay*, ou seja, assumir uma postura ativista, militante que luta por um lugar ao sol. Mais do que simplesmente copiar os modelos heteronormativos, “ser gay, segundo Foucault, é se aproveitar de sua diferença a fim de criar novas formas de relação, inventar novos estilos de vida. “ser gay” não se resumiria, portanto, a batalhar por uma inserção no estado vigente das coisas, e sim uma forma de alterar o estado vigente.” (MAGAVITA, 2012, p. 21)

Assumir a nossa identidade em relação ao que realmente somos, ou seja, somos produtos da natureza, somos entes naturais, podemos não constituir parte da norma vigente, mas não se pode dizer que somos antinaturais já que a homossexualidade está presente na natureza, e nem sempre a norma, algo artificial implementado de acordo com interesses compartilhados ou que, por muitas vezes, é manipulado por interesses individuais (daí advém a tirania), é



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

necessariamente algo correto, muitas vezes a norma está errada e é repressora contra a própria natureza humana que, nesse caso, se vê tolhida por uma norma moral castradora. Existimos desde a existência da humanidade, e temos uma história muito extensa, e portanto uma identidade muito grande desde os tempos pré-históricos até a sociedade contemporânea, e para nós, esse deve ser um motivo de grande orgulho, são milênios de resistência contra a consolidação de uma sociedade machista e patriarcal, bem como foram milênios de uma história de perseguições e de castrações, em especial com a consolidação da moral judaico-cristã, e que não podemos mais permitir que esses cenários que tanto nos assolou durante milênios torne a acontecer. Desde a antiguidade existem registros de oficialização de casais homossexuais, e isso era encarado com naturalidade pelas sociedades grega e romana, foi a consolidação da moral cristã, patriarcal e machista que fez com que a homossexualidade passasse a ser condenada pela nova teologia, portanto, é necessário termos orgulho do que somos, do que representamos e orgulho da nossa história e que sempre existimos na humanidade e por isso não somos anormais, aí então teremos ânimo para nos organizar e lutar contra esse

preconceito na medida em que temos amor ao que somos e estivermos dispostos a não tolerar mais que o preconceito nos assole. Logo lutar não apenas pela igualdade, mas fundamentalmente pela equidade implica em lutar pela mudança de valores, de lutar por uma nova consolidação de concepções de mundo e devida, o que, por sua vez, é um processo que envolve a transformação e a disputa política para transformar os diversos aspectos e estruturas que compõem a sociedade, desde a educação até o campo do direito, desde a estrutura familiar até o campo do direito, e principalmente, mudanças políticas, daí a urgente necessidade de politização do movimento LGBT, de construirmos uma ampla rede de diálogo com a sociedade com a finalidade não só de promover a equidade e igualdade de direitos, mas também para a desmoralização dos políticos fundamentalistas que hoje ocupam as estruturas de poder. É fundamental e uma necessidade histórica que comecemos a nos organizar para enfrentar as políticas hostis que emergem hoje nas esferas do poder de decisão. Todavia, para o enfrentamento de tais políticas se torna necessário uma educação conscientizadora do quanto a diversidade se torna fundamental para o exercício do respeito e essencial no combate ao



etnocentrismo que justificou e naturalizou tantas barbáries como o Nazi-fascismo, a escravidão e as ditaduras fundamentalistas como o Talibã e o Estado Islâmico. Dessa maneira se torna justificável uma educação voltada para a construção para a diversidade, de modo a promover o respeito e o diálogo entre as diferenças. Portanto, a diferença deve ser uma forma de unir as pessoas ao invés de separar na medida em que se aprende através da diferença. Na medida em que, segundo a Declaração Universal dos direitos do Homem e do cidadão de 1789 assegura que

“Art.1.º Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum. Art. 2.º A finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à

## CONCLUSÃO

A partir da exposição que foi feita, conclui-se que a educação necessita ter como base a discussão em relação aos direitos humanos como uma forma de trazer o debate para as salas de aula a partir de um posicionamento firme contra qualquer tipo de formação que justifique ou legitime a exclusão dos indivíduos por conta da orientação sexual.

O Estado confessional, que se anuncia cada vez mais alto com a presença e influência cada vez maior dos fundamentalistas protestantes

opressão.” (DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO, 1789)

Sendo a vida um direito inalienável e imprescritível ao homem, a Declaração ainda ressalta que

Art. 4.º A liberdade consiste em poder fazer tudo que não prejudique o próximo: assim, o exercício dos direitos naturais de cada homem não tem por limites senão aqueles que asseguram aos outros membros da sociedade o gozo dos mesmos direitos. Estes limites apenas podem ser determinados pela lei. (ibidem)

Portanto, é fundamental que as pessoas tenham a ideia de respeito em relação à liberdade. Pois é o respeito à liberdade do outro que é a base para a consolidação do respeito e do diálogo em relação às diferenças. Portanto, uma educação voltada para o respeito e o diálogo com a pluralidade deve ser uma educação libertária.

neopentecostais no Poder Legislativo, é a materialização cabal da ameaça, não somente para os direitos LGBT, como também, para a democracia, porque é uma ótica uniformizadora que tende a provocar a intolerância a partir do momento que promove uma visão etnocêntrica e uniforme de sociedade, em outras palavras, preconceituosa sobre o outro e suas diferenças, passa a julgar o outro segundo a sua ótica de mundo, desrespeitando o indivíduo. Como consequência das atitudes fundamentalistas dos protestantes



neopentecostais, passa a existir a naturalização da violação à própria vida humana. Por esse motivo a teocracia é tão ameaçadora, porque não se trata apenas da consolidação de um regime de mentalidade conservadora, mas é, além disso, um retrocesso em termos filosóficos, culturais, políticos, e fundamentalmente de visão de mundo. Por isso cada vez mais se entende que o senso comum se constitui como padronização e anti-democrático, entendemos que a vida só será respeitada quando as diferenças forem respeitadas, e quando o respeito for promovido.

Todavia o respeito é resultado de um maior amadurecimento e elevação das pessoas mediante ao entendimento de determinados assuntos, logo, a promoção do respeito e superação do preconceito só será possível na medida em que é promovida a discussão, a mobilização da opinião pública, com a elevação da sensibilidade correlação a determinados temas e a desconstrução do tratamento rude com que essas temáticas vêm sendo tratadas, por isso é importante que tenhamos conhecimento de mundo para

que possamos reagir a tantos gestos de ignorância, por isso é fundamental que para termos a tolerância é necessário que antes tenhamos a promoção da educação.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

MAGNAVITA, Alexey Dodworth, Artigo na Revista filosofia Ciência & vida, ano VI. Número 70. Maio de 2012

## **DOCUMENTOS CONSULTADOS**

BRASÍLIA, Ministério da Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais 5ª à 8ª série – Ministério da Educação e do Desporto – Temas Transversais – Pluralidade cultural, 1ª parte - Contribuições para o estudo da pluralidade cultural no âmbito da escola – Fundamentos éticos. Brasília, 1998.

BRASÍLIA, Ministério da Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), 5ª a 8ª séries, temas transversais, Ética – 1ª parte, Ética e cidadania: os princípios fundamentais da vida democrática – O caráter político da participação dos indivíduos na sociedade.

Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789.